

A VIDA UNIVERSITÁRIA ESTUDANTIL E A SOCIALIZAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE DIFERENTES CURSOS: UM FOCO NA EXPERIÊNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA - UFRN.

Marília do Vale Góis Pacheco Medeiros ¹
Adir Luiz Ferreira ²
Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa ³

RESUMO

O contexto das constantes transformações da Educação Superior brasileira impele um olhar atento a esse meio, às suas características e seus integrantes. Nesse sentido, este texto visa sintetizar resultados e discussões de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo centrou-se em compreender, através de falas de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (curso presencial, campus Natal), como a socialização com estudantes de outras áreas os influenciam nas suas próprias jornadas universitárias. A partir de noções da fenomenologia social, desenvolveu-se uma abordagem metodológica qualitativa e criativa, com elementos da etnometodologia e da entrevista compreensiva. Foram aplicados questionários, feitas observações na UFRN (Brasil) e na Université de Lorraine (França), e realizadas 12 entrevistas com estudantes do curso de Pedagogia. O desenvolvimento metodológico possibilitou a elaboração de cinco elementos interpretativos: tempo, direcionamento, percurso, companheiros e “espírito viajante”; os quais revelaram que a socialização dos estudantes de Pedagogia com os de outros cursos relaciona-se aos objetivos de vida, pessoais e acadêmicos dos alunos, tal como com a relação com colegas, professores e os espaços da universidade e com a postura de engajamento com essas relações, sejam elas mais localizadas aos estudantes da Pedagogia, disponíveis aos demais ou mais desbravadoras das relações com os estudantes de outros cursos. Compreendeu-se que a socialização entre estudantes de Pedagogia e de diferentes cursos corrobora para um aprendizado ético de respeito e tolerância, para a reconstrução identitária do estudante e dispõe de significativa potência criativa no ambiente universitário.

Palavras-chave: Sociologia da Educação, Socialização Universitária, Vida Estudantil, Interciência e Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

A Universidade, como uma instituição histórica, carrega consigo não somente a busca pelo conhecimento, mas também traz as marcas das influências de poderes

¹ Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, mariliavgpm@ufrn.edu.br;

² Professor Doutor do Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, UFRN, adirfer@gmail.com;

³ Mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jukasbarreto@gmail.com.

políticos, econômicos, culturais e sociais de cada comunidade em que existe e do mundo, onde molda uma identidade universitária.

Essa universidade, ao mesmo tempo em que é histórica, é também atual, implicada nas necessidades do mundo contemporâneo e berço criador de inovações nos mais diversos campos e sentidos. Em seu papel plural, envolve-se com a construção do conhecimento autônomo e com a empreitada desenvolvimentista quando, por exemplo, instituições internacionais como a UNESCO afirmam em seus documentos que sem instituições de ensino superior e pesquisa, as nações não conseguirão construir um desenvolvimento legítimo (BARBALHO; CASTRO, 2010).

Dessa forma, a expansão do ensino superior é um movimento global o qual também vem acontecendo no Brasil nos últimos anos. Entre 1996 e 2017, o salto do número de matrículas na educação superior foi de 1,8 milhão para 8,3 milhões. Um crescimento que esteve ligado a uma expressiva participação do setor privado, o qual compõe, atualmente, cerca de 90% dos estabelecimentos de educação superior no país (CABRAL NETO; CASTRO, 2018) (FERREIRA, 2019).

Nesse processo, a enxurrada de diplomados anuais e a mercantilização do conhecimento, que se insere, como talvez o mais importante elemento dentro da disputa mundial pelo poder (LYOTARD, 1986), compõem um cenário feroz e complexo no qual está ambientado o ensino superior e os indivíduos que o fazem. Não obstante, as quantificações sozinhas não elevarão o padrão desse nível de educação; especialmente, ao pensarmos no Brasil, tanto os macro articuladores, bem como os gestores das instituições, técnicos e professores terão de olhar com atenção também para os aspectos pedagógicos e buscar compreender o perfil do estudante universitário, acompanhar seu percurso e avaliar seus resultados (SAMPAIO; SANTOS, 2015).

Afinal, no meio desse movimento macro de expansão universitária, emaranhado com interesses econômicos e políticos, estão os estudantes universitários, que vivem uma grande aventura ao entrarem nesse ambiente tão distinto daquela educação básica. Esses integrantes do ambiente acadêmico, ao entrarem na universidade, “passada a euforia pelo ingresso no curso superior, [...] têm a impressão de que foram ‘promovidos’ para um nível avançado de incompetência escolar” (FERREIRA, 2014, p. 117). O que acontece na entrada no ensino superior, especialmente na universidade, é uma ruptura no plano cognitivo, o que se caracteriza como um grande desafio. Ao mesmo tempo, junto com o desafio, abre-se um vasto campo de possibilidades de

criação, reinvenção e transformação nesse sujeito que aprende e também pode construir conhecimento para o mundo.

Portanto, a partir do momento que se deixa de olhar para esse estudante como peça fundamental e ator de influência na vivência universitária, perde-se muito da oportunidade de conhecer e aperfeiçoar a experiência universitária. Nesse sentido, este texto visa sintetizar resultados e discussões de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo centrou-se em compreender, através de falas de estudantes universitários do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN (curso presencial, campus Natal), como a socialização com estudantes de outras áreas os influenciam nas suas próprias jornadas universitárias.

Junto a esse objetivo central, objetivos específicos colaboraram para o percurso da pesquisa de mestrado, foram eles: identificar interesses e interações de pessoas de Pedagogia com estudantes de outros cursos; reconhecer algumas influências institucionais da UFRN para a socialização dos estudantes de Pedagogia com os de outros cursos; entender como os estudantes de Pedagogia percebe, a sua relação com pessoas de outros cursos da UFRN.

Justifica-se o foco investigativo na vida estudantil em si não apenas por esse ser um campo com vasta possibilidade de exploração científica, mas também porque a investigação sobre a formação inicial de professores considerando a socialização universitária é de significativa relevância, uma vez que o processo de aprendizagem é indivisível em seus aspectos sociais e culturais, e individuais e subjetivos (FERREIRA, 2014).

Além disso, pensar a formação de professores em ligação com a socialização de estudantes de distintos cursos e campos de saber, faz-se pertinente frente à natureza do espaço universitário e do curso de Pedagogia. Diante do ambiente universitário porque ele se “[...] constitui um momento crucial na construção de um tipo de aprendizado complexo, variado, pensado em função de uma articulação de diferentes tipos de saberes e de suas mobilizações posteriores nas situações reais” (PAIVANDI, 2015, p. 10). E, singularmente, no curso de Pedagogia, em virtude deste formar professores polivalentes que lidam com o ensino de diversas áreas do conhecimento, num movimento coeso e sinérgico.

Compreendemos, inclusive, que o curso de Pedagogia, em sua própria natureza, porta consigo uma potência relevante de sinergia de saberes, uma capacidade de experimentar e organizar o conhecimento em sua estrutura, que é grandiosamente

interativa dos fenômenos da realidade, os quais ultrapassam as barreiras do conhecimento setorizado (CARNEIRO, 1994). Assim, sejam em aspectos filosóficos, pedagógicos ou curriculares, noções de interdisciplinaridade, complexidade e transdisciplinaridade se fazem coerentes na formação do pedagogo e saltam, até mesmo, na vivência da socialização do estudante com colegas e conhecimentos de outros cursos. Nesse sentido, buscamos debruçamo-nos sobre a sinergia de saberes presente na formação inicial do pedagogo, observando-a a partir de seu caráter como uma experiência social autônoma diante das prerrogativas curriculares, focando na “*intercienicalidade*”, uma vez que a *interciência* possibilita o nascimento do novo, do inventivo e criativo, a partir de experiências em que “[...] um conhecimento se engrandece com o outro e que uma habilidade se aperfeiçoa e pluraliza junto com outra” (MEDEIROS, 2020, p. 44).

Sendo assim, foi desenvolvida a pesquisa com estudantes de Pedagogia da UFRN, curso presencial, campus Natal, entre os anos de 2018 e 2019, a partir de uma perspectiva metodológica qualitativa e criativa, que firmou-se em noções da fenomenologia social, trazendo elementos da etnometodologia e, particularmente, da entrevista compreensiva.

O processo investigativo contou com a aplicação de questionários com estudantes de Pedagogia da UFRN; um estágio de intercâmbio na Université de Lorraine, em Nancy, na França; o aperfeiçoamento e elaboração criativa do instrumento de entrevista; e entrevista com 12 estudantes de Pedagogia, divididos em 2 subgrupos, o primeiro chamado de Grupo Foco (GF), com 8 integrantes, e o segundo denominado de Grupo Controle (GC), com 4 integrantes. O GF foi composto por estudantes que apresentaram maior interação com pessoas de outros cursos e o GC por estudantes que apresentaram pouquíssima ou nenhuma interação desse tipo.

De forma geral, identificou-se, a partir dos dados do questionário, que o perfil atual do estudante de Pedagogia quebra com alguns paradigmas do senso comum presentes no ambiente acadêmico do curso. Os dados mostraram que parte significativa desses estudantes escolheu o curso como primeira opção no processo seletivo de entrada na universidade e que esses alunos estão abertos e disponíveis para os conhecimentos do curso de Pedagogia e também para outras áreas do conhecimento. O questionário também revelou uma quantidade expressiva de estudantes vindos de outras experiências de curso superior (parciais ou integralmente concluídos). Esses e outros elementos conduziram as análises para construção de guias de interpretação dos percursos

universitários e de categorias de perfis estudantis, tendo em vista a socialização com estudantes de outros cursos.

As entrevistas, por sua vez, contaram com o uso de fotografias em sua execução, ajudaram a tecer uma construção narrativa que utilizou elementos de uma viagem como metáfora para o percurso universitário e contribuíram para a compreensão da socialização estudantil como bagagem indispensável para se explorar a Universidade. Os guias de interpretação do percurso universitário estudantil foram: tempo, direcionamento, percurso, companheiros e “espírito viajante”. Já as categorias de perfis estudantis que foram ligados à relação entre jornada universitária e socialização com estudantes de outros cursos foram: localista, turista e andarilho.

Ao fim (dessa parte) da jornada investigativa sobre a relação entre a socialização e o percurso universitário dos estudantes de Pedagogia, compreendemos que essa socialização tem uma influência singular no desbravamento que o estudante fará da e na Universidade, colaboram para que esses estudantes conheçam mais sobre o mundo, ampliem a elaboração de suas identidades acadêmicas, profissionais e pessoais, e também traz consigo os caracteres afetivo e humano, os quais impulsionam a caminhada na experiência universitária e da vida.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica da pesquisa aqui explanada é essencialmente qualitativa, uma vez que faz uso de aspectos quantitativos, mas foca-se na compreensão de fenômenos sociais, os quais exigem a “imaginação sociológica”, obedecendo a regras precisas, para a análise e interpretação desses fenômenos, numa permanente ação de bricolagem de saberes (KAUFMANN, 2013).

Dentro dessa abordagem, a pesquisa sustentou-se em bases filosóficas e metodológicas da fenomenologia, cuja ênfase está no sujeito, em suas percepções e experiências com a realidade vivida, fazendo uso de elementos da etnometodologia, que investiga e descreve como o pensamento sociológico são formalizados e transformados num sistema social (SACRINI, 2009). Além disso, muitos elementos da entrevista compreensiva foram inseridos, tendo em vista que essa perspectiva está ligada à uma sociologia de processos que nasce no contato com o campo e busca o entendimento compreensivo do social através da compreensão das pessoas (KAUFMANN, 2013).

Nessa concepção, todos os procedimentos aqui apontados foram realizados com a devida aprovação no conselho de ética da universidade e tiveram três grandes frentes: a aplicação de questionários, a observação e elaboração do instrumento de entrevista, e a própria entrevista.

A primeira etapa de investigação foi a aplicação do questionário no primeiro semestre do ano de 2018 com 80 estudantes do curso presencial de Pedagogia da UFRN (campus Natal), o que representou um pouco mais de 10% dos estudantes com matrícula ativa naquele semestre, os quais totalizavam 731 estudantes. O instrumento do questionário teve o intuito de fazer um levantamento de dados acerca dessa população estudantil, buscando, além de informações gerais, identificar os interesses dos estudantes diante de conhecimentos do próprio curso e de outras áreas, bem como as interações com pessoas de outros cursos, no intuito de poder selecionar integrantes para o grupo de estudantes que foram entrevistados. A estrutura do questionário foi baseada nos instrumentos utilizados na pesquisa publicada por Ferreira (2016) sobre a relação entre capital cultural e formação e ensino superior.

A segunda etapa metodológica da pesquisa foi composta por um estágio de intercâmbio e pela elaboração da entrevista utilizando a fotografia como elemento metodológico. O estágio de intercâmbio aconteceu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2019, no Laboratório Interuniversitário de Ciências da Educação e Comunicação (LISEC), na Université de Lorraine, em Nancy, na França, e teve a supervisão do professor e pesquisador Saeed Paivandi. O foco desse intercâmbio foi pautado na troca de conhecimentos teóricos e metodológicos acerca da pesquisa centrada na socialização universitária estudantil nos 2 países, França e Brasil. Nesse período, foram feitas observações participantes em diversos espaços da universidade francesa, bem como entrevistas informais com estudantes da graduação e da pós graduação, buscando ampliar e desenvolver habilidades e conhecimentos fundamentais da pesquisa no campo da socialização estudantil e na própria pesquisa social; como o engajamento no estabelecer relações com o desconhecido e no distanciar-se daquilo que socialmente nos compõe (AGIER, 2015). Todas as ações do estágio estavam ainda inclinadas para a utilização de elementos etnometodológicos que ajudam a reconhecer e compreender as particularidades e, especialmente, as generalidades dos modos operativos dos estudantes no meio ambiente universitário (COULON, 1995).

Como resultado dessa parte do processo metodológico, o instrumento da entrevista foi aperfeiçoado e passou a contar com um momento em que foram utilizadas

fotografias de diferentes espaços da universidade, para que os estudantes falassem sobre as suas experiências, especialmente de socialização, nesses ambientes. Foram escolhidos 11 espaços, ligados a 8 grandes centros da UFRN, que compõem o campus da capital do Rio Grande do Norte e também 1 do interior do estado. Escolhemos fazer e selecionar fotos de prédios (não vazios) por entendermos que os espaços físicos e arquitetônicos dos espaços de socialização, além de refletirem bases históricas, também afetam a interação em seus padrões e comportamentos sociais (FOUAD, 2017). As fotografias desses espaços, por sua vez, foram, em sua maioria, feitas por nós mesmos, para que pudéssemos nos imbricar mais no processo metodológico e experimental, junto aos estudantes entrevistados, aspectos da sensibilidade da fotografia, elemento que “[...] por ser flagrante, [revela] as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria prima do conhecimento (MARTINS, 2014, p. 11).

Essas fotografias, por sua vez, geraram um significativo resultado na terceira e última etapa metodológica a qual envolvia o campo, a entrevista. Em 2019, realizamos 12 entrevistas semiestruturadas com estudantes do curso de Pedagogia que tinham, no mínimo 2 anos de vivência no curso. Baseando-nos em elementos metodologicamente estratégicos da entrevista compreensiva de Kaufmann (2013), construímos um roteiro de entrevista a partir de blocos temáticos (SILVA, 2006). Foram definidos 4 blocos temáticos, os quais buscavam saber, respectivamente, sobre as escolhas e interesses de conhecimento; as relações estabelecidas nos diferentes espaços da universidade (esta foi a seção guiada pelas fotografias); as interações com estudantes de outros cursos; e sobre as interpretações feitas pelos alunos acerca da influência dessas relações no percurso universitário.

O parâmetro de, no mínimo, 2 anos de vivência no curso de Pedagogia, foi baseado nos estudos de Alain Coulon (1997), que indicam 3 grandes fases num claro processo de adaptação e afiliação dos estudantes na vivência universitária. Segundo o autor, inicialmente, o estudante vive um momento de rupturas e de desconhecimento do ambiente universitário, o chamado *tempo de estranhamento*; em seguida, numa fase de adaptação e reorganização, o estudante vive o *tempo de aprendizagem*; por fim, viria o momento de segurança, reconhecimento do grupo e ativa agregação à comunidade universitária, o *tempo de afiliação*. Com 2 anos de vivência universitária, o estudante já estaria, muito provavelmente, afiliado à cultura universitária.

Para a seleção dos 12 entrevistados, para além do quesito do tempo, outros 2 critérios foram primordiais: a proporção de gênero diante do total de estudantes do

curso (20% de homens e 80% de mulheres) e a proporção de experiência anterior de ensino superior do total de respondentes do questionário (45% dos entrevistados, para 46% dos respondentes do questionário).

Além desses critérios seletivos, os 12 estudantes voluntários foram divididos em 2 subgrupos, um grupo que representaria o nosso foco de desejo investigativo, Grupo Foco (GF), e outro que, em menor quantidade, representaria o oposto, por esse grupo também compor a realidade do curso, o Grupo Controle (GC). Foram 8 os integrantes do GF e 4 os do GC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das diferentes etapas da pesquisa mostraram dados que nos ajudam a compreender o perfil do atual estudante de Pedagogia, bem como indicam diversos elementos para pensar e investigar a formação de professores e a vivência estudantil no meio ambiente universitário.

Inicialmente, os resultados dos 80 questionários trouxeram abertura e redirecionamento na compreensão e na organização da pesquisa, os seus principais resultados, então, estão apresentados a seguir.

Dos respondentes do questionário, 86% estavam no início do segundo ano de universidade ou adiante. Dessa mesma população de 80 estudantes, 68% disseram trabalhar ou fazer estágio remunerado; dentro dos 32% restantes estão também possíveis bolsistas da universidade. Esses, mesmo que trabalhem ou estagiem na área da Pedagogia, têm mais possibilidade de tempo e de contato com o meio ambiente universitário e, assim, mais possibilidades de experiências diversificadas nesse espaço.

Um dado que chamou atenção foi o de que quase 78% dos estudantes responderam terem, sim, escolhido a Pedagogia como primeira opção no processo seletivo para entrada no curso superior, o que contraria o senso comum que paira no ambiente acadêmico do curso, que carrega a fama de receber aqueles que não têm desejo de exercer a profissão. . Esse é para nós um dado positivo, afinal o interesse e a receptividade para o aprendizado dos conteúdos do curso favorece, ao menos inicialmente, um engajamento nos estudantes e, naturalmente, maior qualidade no aprendizado e na formação.

Ao mesmo tempo, 87,7% desses mesmos estudantes já pensou em fazer outro(s) curso(s). Esses interesses foram expressos nas mais diversas áreas, de medicina à

filosofia, de gastronomia às licenciaturas, das engenharias às artes. Isso nos mostra que esses estudantes têm, em algum grau, uma abertura no olhar para outras áreas. Entendemos que esse pode ser um aspecto positivo e pode colaborar para a formação desses estudantes, uma vez que a Pedagogia é uma área ampla na qual o interesse por outros cursos pode despertar olhares diferenciados para os conteúdos e abordagens do curso. O interesse e a disponibilidade para o saber distinto pode ser a base para o desenrolar criativo e intercientífico.

No tocante aos interesses mais específicos e direcionados para as áreas de outras licenciaturas, o maior interesse dos estudantes que responderam o questionário está em áreas como letras, história, artes visuais e música; em detrimento dos menores interesses em áreas como a física, matemática e química. Essa dado preocupa, quando se pensa na importância da linguagem matemática para a prática do pedagogo na docência da educação básica, mas ao mesmo tempo, indica o interesse e disponibilidade do corpo discente para áreas presentes na prática pedagógica e pouco exploradas pelo currículo do curso de Pedagogia da UFRN, as artes.

Talvez um dos dados que mais tenha chamado atenção no resultado do questionário tenha sido a porcentagem de 46,3% dos respondentes já terem passado por outro curso superior, seja na UFRN ou em outra instituição, tenha sido o curso finalizado ou não. Foram cursos variados, licenciaturas e bacharelados nas áreas das humanidades, das exatas e biomédicas. Podemos pensar, então, que esses estudantes, mesmo que minimamente, já trazem alguma experiência que os permitem chegar de forma distinta no objetivo de “[...] tornar-se nativos desta nova cultura universitária” (COULON, 2008, p. 43).

Já quando perguntados, por fim, sobre a relação com estudantes de outros cursos, quase 80% dos estudantes afirmaram manter algum contato com pessoas de outros cursos, a criação desse vínculo de contato, por sua vez, tem forte influência dos círculos de amigos e da universidade. Mesmo tendo um número expressivo de alunos que mantêm esse tipo de socialização, curiosamente, apenas 34 estudantes, ou 42,5% do total, já tiveram experiências de convívio com estudantes de outros cursos nas situações de trabalho acadêmico, reunião de estudo, projeto de pesquisa ou extensão.

Dessa forma, o resultado do questionário apresentou um perfil de estudantes abertos e dispostos a conhecer o campo de conhecimento da Pedagogia e também de outros campos de saberes; com um preocupante desinteresse, porém, pelo campo de saberes matemáticos, os quais compõem uma importante e significativa parcela de

atuação do professor pedagogo na Educação Básica; ao mesmo tempo, com um interesse por campos pouco explorados na estrutura curricular de formação do curso da UFRN, como os campos das artes; e com, relativamente significativas, experiências universitárias prévias; e socialização com estudantes de outros cursos não muito direcionada para a interação acadêmica.

Esses dados nos impulsionaram a seguir explorando diversas vivências universitárias estudantis. No tocante às principais contribuições do estágio de intercâmbio, para além da importante colaboração no processo criativo de estruturação da entrevista, identificamos ainda três grandes contribuições conceituais corroboradas pela experiência pessoal, de observação e de diálogo com outros estudantes durante o intercâmbio.

A primeira delas a compreensão da questão de entrada e de adaptação à nova cultura universitária. Percebemos que mesmo um estudante já estando adaptado a uma cultura universitária específica, a entrada em uma outra nova implica num novo processo de estranhamento, aprendizagem e afiliação, tendo em vista as fases apontadas por Coulon (1997). Além de que notamos ainda a importância das experiências (objetivas e subjetivas) anteriores como propulsoras para as posturas adotadas diante do novo ambiente. A segunda delas é a forte influência do ambiente universitário na trajetória estudantil, tenha sido pela organização universitária, pela ação dos professores ou dos colegas. Diante dos relatos de ambientes hostis em alguns cursos e áreas da Université de Lorraine, foi notável as relações de concorrência e rivalidade criadas, bem como a construção de diferentes trajetórias a partir das relações com demais estudantes e professores. Paivandi (2014, p. 42) aponta, nesse sentido, que esse ambiente universitário pode contribuir para “[...] dar ao estudante a vontade de aprender e o sentimento de aprender com pertinência, ou, inversamente, esse meio pode tornar-se um obstáculo para a aprendizagem”. A terceira importante colaboração conceitual foi a percepção das ideias de interação com o diferente e a construção do diferenciado no percurso universitário. A intensa presença de estudantes estrangeiros produzia uma organização de grupos diferenciada da realidade brasileira natalense, Grupos de estrangeiros, grupos de nativos e alguns outros grupos mais misturados, talvez sejam uma realidade que se faz como metáfora para a compreensão também da realidade brasileira local, em sua pluralidade e diversidade específica. Pudemos compreender, portanto, que a interação com o diferente de nós, constrói um saber que, por sua vez, é também identidade.

Partindo, então, para o próximo passo do processo metodológico, como informações gerais do grupo de entrevistados, salientamos, inicialmente, a diferença da média de faixa etária entre os grupos do GF e GC. O GC tem uma média de idade de 34,75 anos, já o GF, tem a média de idade de 27,12 anos; o que evidencia uma sutil diferença nos momentos de vida dos integrantes dos grupos.

No que diz respeito aos interesses de cada grupo por áreas do conhecimento distintas da Pedagogia, os integrantes do GF apontaram uma média de interesse por cerca de 5 outras áreas diversas da Pedagogia, já os estudantes do GC apontaram interesse por cerca de 2 outras áreas diversas à Pedagogia, por pessoa. Os integrantes do GF têm interesse em mais do que o dobro de áreas e essa maior abertura e curiosidade por parte dos componentes desse grupo é esperada, tendo em vista a ideia de que uma maior curiosidade diante de distintas áreas do conhecimento integra o perfil do estudante que acaba por se relacionar mais com estudantes de outras áreas.

E sobre essa relação com estudantes de outras áreas, os integrantes do GC apontaram conhecer pessoas de mais de 5 cursos diferentes na universidade; enquanto os integrantes do GF disseram conhecer pessoas de mais de 8 cursos diferentes. É visível, portanto, a relação entre os interesses estudantis em campos de conhecimentos distintos do de sua formação e a socialização com estudantes de diferentes áreas.

Essa socialização, por sua vez, acontece e também é proveniente das socializações que os estudantes estabelecem com os diferentes espaços da universidade. Nas entrevistas as fotografias assumiram a função de explorar esse aspecto e trouxeram um ar mais descontraído para o diálogo, abrindo espaço para uma maior espontaneidade dos estudantes, que, de forma geral, nessa seção, falaram mais e expressaram mais suas emoções, sorrindo, chorando, lembrando dos espaços e das experiências com afetos negativos e positivos que foram vividas neles.

Dentre todos os espaços apresentados, o Centro de Educação (CE), prédio que sedia a maior parte das atividades do curso de Pedagogia, foi o único espaço em que todos os entrevistados demonstraram ter uma relação forte de afetividade; denominamos assim quando o estudante demonstrou afetividade com o espaço, tenha sido numa relação pontual muito intensa ou numa construção de frequência e afetividade. Os integrantes do GC apresentaram ter poucos laços afetivos, isto é, poucas relações fortes com espaços da universidade que não sejam o Centro de Educação (CE) e bloco de aulas. Além disso, é significativo o número de espaços com os quais eles não têm nenhum tipo de relação, seja afetiva, de frequência de visita ou de alguma relação

pontual, uma média de 5 por pessoa, diante dos 10 espaços apresentados, fora o CE. Já os entrevistados do GF, forma geral, apresentaram conhecer uma maior quantidade de espaços, com uma média de desconhecimento de 2,87 espaços, diante dos 10 apresentados para além do Centro de Educação. Além disso, os vínculos fortes que eles indicaram ter, na sua maioria, foram criados ao longo da experiência acadêmica como estudante de graduação, seja no curso de Pedagogia ou em outro anterior na UFRN; o que indica a construção de elos com os espaços a partir da vivência como estudante universitário, e não apenas como cidadão que faz uso dos espaços da universidade, de forma pouco (ou não) implicada com a vivência acadêmica.

Esses aspectos, que perpassam pela relação dos estudantes com os diversos espaços da universidade, pelos interesses em diferentes áreas de conhecimento, pela relação com trabalho e etc., ainda não explicitam a complexidade de interpretações possíveis provenientes das falas desses estudantes.

Os 12 estudantes que nos emprestaram seus “óculos” para vermos a universidade em diferentes perspectivas são listados a seguir, com codinomes escolhidos por eles mesmos ou definidos a partir das características mais marcantes de suas histórias. Os 4 primeiros são os integrantes do Grupo Controle e os outros 8, são os integrantes do Grupo Foco.

- Mulan, 25 anos, graduada em Gestão Hospitalar pela UFRN, não teve nenhuma relação com pessoas de outros cursos, que tenha sido construída ao longo da graduação. Mas tem familiares e amigos que estudam em outras áreas, com quem troca algumas ideias sobre algumas disciplinas e tira algumas dúvidas pontuais.
- Cleo, 32 anos, fez estágio remunerado e foi bolsista da biblioteca. É graduada em Marketing por uma faculdade privada. Quando bolsista, conviveu com pessoas de diversos cursos e ajudou um colega de jornalismo a fazer um roteiro. Ela gostou muito. Mesmo assim, avalia que seus conhecimentos, não têm relação com a convivência com colegas de outros cursos.
- Uil, 35 anos, trabalha e não possui graduação anterior. Ele tem proximidade com estudantes da Pedagogia que vêm de outros cursos e encara essas experiências como esses estudantes uma descoberta mútua.
- Morena Rosa, 47 anos, estagiária, não possui graduação anterior, mas possui magistério. Não tem nenhuma experiência acadêmica com pessoas de outros cursos, mas se considera muito comunicativa e diz conhecer várias pessoas de outros cursos. Os assuntos com essas pessoas, porém, giram em torno da vida pessoal.

- Paula, 21 anos, bolsista de iniciação científica, sem experiência prévia no ensino superior. Coursou disciplina em 3 cursos diferentes na graduação e sua experiência mais marcante com pessoas de outras áreas é no esporte, no Aikidô. Com seus amigos do Aikidô Paula já apresentou trabalhos e viajou para várias outras atividades esportivas.
- Saiph, 22 anos, é estagiária e não tem experiência prévia na educação superior. Coursou uma disciplina no curso de Tecnologia da Informação e construiu um jogo com os colegas. Para ela essa experiência foi muito marcante, bem como a participação em muitas aulas do curso de História e a ida a um concerto na Escola de Música com amigos do curso de História.
- Erva, 41 anos, trabalha, é graduada em Educação Física pela UFRN, possui especialização em arteterapia e Mestrado em Educação, também pela UFRN. Coursou muitas disciplinas de artes enquanto fazia Educação Física, participou do projeto de extensão Madrigal (coral) antes mesmo de ser graduanda da universidade e durante o curso de Pedagogia fez parte de um evento de extensão sobre geografia e música. As relações de amizade e socialização de Erva são bem maiores com professores do que com estudantes.
- Lobo, 21 anos, bolsista de iniciação científica, sem experiência anterior no ensino superior. Suas experiências mais marcantes com estudantes de outros cursos foram as do Trilhas Potiguares⁴ e as de quando era bolsista no Laboratório de Tecnologias Educacionais. Em ambas, desenvolvia ações e projetos junto com colegas e amigos de outros cursos.
- Dinda, 21 anos, estagiava no período em que respondeu o questionário, e está na sua primeira experiência no ensino superior. No tocante às relações com estudantes de outros cursos, faz análise de filmes com a irmã de audiovisual, tirava dúvidas pontuais com uma amiga de biblioteconomia e viveu, no curso de Pedagogia, uma experiência marcante, com alunos da física e da geografia, numa aula sobre astronomia.
- Larissa, 23 anos, bolsista de apoio técnico, em sua primeira graduação. Mora na residência e é bolsista, o que a permite ter contato com muitas pessoas de outros cursos. Suas experiências mais marcantes com estudantes de outras áreas foram o Trilhas Potiguares e o devocional, um movimento religioso autônomo que surgiu na residência.

⁴ Maior programa de extensão da UFRN.

- Cinderela, 32 anos, bolsista de iniciação científica, estagiária e também dá aulas particulares. Já cursou Psicologia e Serviço Social, ambos não concluídos. Viveu uma experiência de extensão quando era bolsista no NEI junto com pessoas da biologia. Gostaria de ter tido mais experiências, de ter aproveitado mais a universidade, mas suas condições objetivas iam de encontro a esses desejos.
- Boss, 36 anos, trabalha, tecnólogo em Tecnologia e Informática, graduado e mestre em Educação Física pela UFRN. Estabeleceu relações pontuais com colegas de outros cursos quando participou de disciplinas em outros cursos e do programa de extensão Trilhas Urbanas, quando cursava educação física.

O instrumento guia dessas entrevistas e os próprios resultados das falas desses 12 estudantes ajudou a perceber os aspectos mais importantes para a nossa pesquisa, mesmo reconhecendo a existência de outros, que permeiam a trajetória estudantil universitária e dialogam com o nosso objeto de estudo, a socialização entre estudantes de diferentes cursos.

Tomando por base a metáfora da viagem para o desenvolvimento das interpretações, os aspectos relevantes destacados na nossa pesquisa podem ser vistos como os cinco lemes de interpretação da jornada universitária estudantil: o *tempo* que se tem para fazer a viagem; o *direcionamento*, isto é, o objetivo acadêmico onde se pretende chegar; o *percurso*, ou seja, o caminho que será feito para chegar lá; com quais *companheiros* se deseja viajar; e, qual “*espírito viajante*” que se desenvolve ao longo da jornada.

O leme interpretativo do *tempo* abarca aspectos como o élan, relativo à idade e aos tempos de vida individuais dos entrevistados; como a disponibilidade, relativa à condição e à organização social, econômica e familiar de cada um; e como os processos de socialização contínuos, diversos e intermitentes, que acontecem ao longo da jornada acadêmica; os quais apesar de seguirem, de fato, as fases propostas por Alain Coulon (1997), de estranhamento, aprendizagem e afiliação, não se configuram como elemento único e linear. Afinal, a socialização nunca cessa em nossas vidas, como já propõem Bauman e May (2010), e, portanto, no percurso universitário, esse movimento constante, mesmo que timidamente, também acontece.

Nas falas dos estudantes, esses aspectos se apresentam de forma bem evidente. Para Cinderela, os fatores socioeconômicos e objetivos de vida são determinantes para como ela vai perceber a universidade e, conseqüentemente aprender e experimentar a universidade (LIZZIO, WILSON, SIMONS, 2002).

Eu acho que não é pra qualquer um tá aqui mesmo. Não por entrar, por capacidade, mas pra permanecer, não é fácil. Porque você que tem mais de 30 anos, assim como eu, [...] que tem responsabilidade de se manter, não é fácil. [...] é ilusão. Você tem que fazer escolhas todo dia. Então é isso... [...] Estar aqui (começou a chorar) eu queria aproveitar muito mais, entendeu?!

Na fala de Paula, os efeitos do processo de afiliação, evidenciado por Alain Coulon (1997), se torna bastante explícito e demonstra que o movimento que o estudante faz para explorar a universidade se relaciona com a afiliação, a qual é significativamente transpassada pela socialização. “[...] não sei, não sei o estralo que me deu. Mas eu acho que até a metade do curso eu tava muito presa ali na Pedagogia, estudar, notas... Depois não, eu fiz ‘nossa, a universidade tem tanta coisa, vou explorar!’, e aí eu fui explorando. (risos)” (Paula).

Já Erva, traz à tona que esses processos de socialização, por sua vez, são dinâmicos e reconstruídos nas diferentes experiências universitárias. “Nessa época eu tinha relações com outras licenciaturas, [...] [mas hoje] é outro tempo, é outro tempo e hoje a exigência é outra pra mim. Ai por isso que eu tive poucas relações” (Erva).

O eixo de interpretação do *direcionamento* relaciona-se com a noção de encaminhamentos e perspectivas futuras, levando em consideração que a universidade é um palco de novas socializações (COULON, 1997; BERGER; LUCKMANN, 1997; FERREIRA, 2014; PAIVANDI, 2015). Sendo assim, os 12 entrevistados mostraram que essa trajetória flexível, que se constitui como uma construção criativa do presente, ligada ao futuro e pulsante na jornada acadêmica pode tanto ser feita de uma maneira mais *focada* em direção a um objetivo final, quanto de forma mais *adaptativa* diante dos elementos que surgem ao longo da jornada.

Nesse sentido, a fala dos estudantes evidencia o papel que o meio ambiente universitário tem no direcionamento dos percursos estudantis. O *direcionamento focado* centraliza-se no seu próprio campo de conhecimento, no nosso caso, na Pedagogia. Dessa forma, os estudantes podem até entrar em contato com outros campos de conhecimento, mas têm olhar mais restrito para eles e mais focado na Pedagogia em si. Nesse sentido, Uill fala: “Eu pretendo continuar em Pedagogia e fazer alguma coisa em Pedagogia, seja especialização, qualquer coisa que for, uma pós, mas em Pedagogia, em educação, mas não relacionada a outro curso sem ser Pedagogia” (Uil).

Já aqueles que têm um *direcionamento adaptativo* demonstram ter despertado, ao longo da trajetória universitária, interesse em outras áreas, por exemplo para fazer outro curso ou a atração por outros conteúdos, demonstrando inclinação, em diferentes intensidades, para sanar essa curiosidade e explorar mais o conhecimento que o chama.

[...] eu sempre fui muito curiosa, sempre conversei muito até com a minha orientadora acadêmica [...] sobre isso. Eu sempre acabei procurando muito sobre coisas que não tinham nada a ver com a aula. (risos) Tipo, tô tendo aula aqui de socioeconômicos, mas só um ponto daquela aula me interessou e aquilo puxou uma cadeia de outras coisas... (Saiph)

O terceiro leme interpretativo, é *o percurso*, o qual é traçado por esses estudantes diante do direcionamento assumido, de forma menos ou mais consciente, mais focal ou adaptativo. Permeado de experiências, relações, afetos, anseios, buscas e tantos outros fatores perceptíveis ou não a quem vive e também a quem investiga essas vivências, o ponto de largada, a caminhada transforma o ponto de chegada. Nesse percurso acadêmico, existem aqueles estudantes que vivenciaram seu tempo de graduação de forma mais *paroquial* e outros de forma mais *extensiva*. Consideramos um percurso estudantil *paroquial* quando as experiências desse estudante são centradas em atividades e interesses muito próximos ao que se é ofertado e sugerido na estrutura curricular padrão do curso. Já a vivência de um percurso *extensivo* aparece-nos como aquela que transborda os limites diretos, ou mais evidentes, da estrutura e do currículo do curso.

E nessas vivências os espaços físicos da universidade e aqueles adjacentes a ela se materializam e se constituem como campo de desejo, de aprendizado, descobertas e espaço acolhedor de vivências cotidianas. “Acredite se quiser, eu conheci muitas pessoas através de ônibus” (Lobo).

Do mais ao menos concreto, o espaço universitário apresenta-se como impulsionador das socializações. “Então, não sou uma pessoa muito sociável. (risos) É porque eu estou inserida em diversos espaços. Tem a residência universitária, que coloca a gente com pessoas de diversos cursos” (Larissa). E essas socializações, por sua vez, transformam esses estudantes. “O trilhas ele é um divisor de águas pra muitos alunos, principalmente aqueles alunos que vivem isolados no seu curso” (Lobo).

Quanto ao quarto leme interpretativo, os *companheiros*, está ligado aos pares e parceiros da experiência universitária. Ele é um leme em si, mas também percorre todos os outros e nele pudemos perceber que as relações de socialização estudantil ocorrem tanto de forma *paroquial* quanto *extensiva*. Denominamos relações *paroquiais* aquelas que os estudantes de um curso (no caso o de Pedagogia) estabelecem com seus pares dentro do âmbito e espaço do próprio curso. Já as relações *extensivas* estão relacionadas às socializações que ocorrem entre um estudante de um curso e estudantes de outros cursos, podendo ou não apresentar elementos de diálogo *intercientífico* entre esses indivíduos.

Um fator adjacente que se mostrou relevante para se pensar a intensidade e amplitude dessas relações foi a natureza das atividades e experiências as quais propiciaram o encontro desses estudantes no meio ambiente universitário: ensino, pesquisa, extensão, bolsas de trabalho ou convivência para além da estrutura acadêmica. Nesse sentido, as atividades de extensão assumem uma posição significativa nesse processo de socialização. Constatamos que os estudantes cuja trajetória foi mais expansiva dentro do espaço universitário, passaram, em algum momento por um ou mais projetos de extensão.

E nessas relações a figura do outro (seja ele aluno ou professor), e o próprio elo em si, ressaltam como elementos fundamentais da jornada universitária, os quais os ajudam a sobreviver nela; a aprender em conjunto, obtendo novas lentes para reinterpretar as realidades e demandas do próprio curso; e a criar novos caminhos. Sobre isso, Lobo e Erva expressam falas bastante significativas:

[...] tá tendo um seminário sobre uma discussão tal, eu tenho disponibilidade, vai tá todo mundo lá, eu vou perder? Claro que não! Eu vou também pra ver o pessoal. Quem sabe, vai que eu aprenda alguma coisa no seminário também? (Lobo).

Eu acho que as pessoas, elas são determinantes pra gente voltar. E eu acho que eu tenho uma relação muito forte com os meus professores por isso. Porque eu sei que eles estão aqui. [...] São essas pessoas, que são a chave ou a peça chave desse jogo. (Erva).

Por fim, o último leme interpretativo, o “espírito viajante”, está apoiado na noção de postura assumida pelo estudante perante a sua jornada universitária. Isso implica na forma como ele se dispõe diante do tempo que tem e do tempo que constrói; no direcionamento que assume ao longo do curso; na maneira que desenvolve esse percurso na graduação; e no modo como constitui e interpreta a relação com os outros e com o próprio ambiente universitário.

Foram, então, categorizados, a partir de todo o processo investigativo desta pesquisa, três grandes perfis relativos a esse “espírito viajante” estudantil na viagem da vida universitária. Os perfis são os seguintes: *localista*, *turista* e *andarilho*.

O *localista* é o estudante centrado em sua área, por escolha ou por questões de tempo de vida ou disponibilidade, focado no direcionamento e que traça percursos, predominantemente, paroquiais ao longo da jornada universitária. Esse estudante até visita outras áreas, mas não se delonga, sabe o seu caminho.

O *turista*, aquele estudante que gosta de visitar outras áreas, saber um pouco mais sobre elas, gosta também de acolher e saber mais dos estudantes de outras partes

que vêm ao seu encontro, mas ainda assim mantém-se firme no seu local de pertencimento.

O *andarilho*, por sua vez, é aquele estudante explorador, curioso, proativamente aberto, que sai do seu próprio nicho para ter experiências criativas e inventivas com estudantes de outros espaços, a partir de conhecimentos que extrapolam o limites mais evidentes do próprio curso de origem. É aquele estudante que percebe e pensa a universidade, de diversos ângulos porque caminha mais por ela e a vivencia de diversas perspectivas.

Dos 12 entrevistados, 41,7 % (5 estudantes) foram categorizados como localistas: Mulan, Morena Rosa, Cléo, Boss e Cinderela, esta, que apesar de localista, tem anseios andarilhos; 25% (3 estudantes) apresentaram o perfil de turista como o mais predominante: Larissa, Uil e Dinda. Por fim, 33,3% (4 estudantes) enquadraram-se, majoritariamente, no perfil andarilho: Lobo, Paula, Siaph e Erva, esta que é uma andarilha limitada pelo seu tempo de vida e condições objetivas.

É importante ressaltar que a predominância de algum desses “espíritos viajantes” não torna nenhuma jornada individual melhor ou pior, muito menos determina rigidamente ou torna limitante a existência ou experiência de nenhum aluno; apenas expressa a inevitável identidade plural humana e universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentando enxergar também a metáfora da viagem para o processo de elaboração da pesquisa de mestrado aqui apresentada e sintetizada, percebemos, ao longo do caminho, que não se explora a vida, não se descobre o mundo ao centrar-se unicamente em si, não se experimenta a criatividade possível quando não se arrisca, quando não se lança na aventura de desbravar a si e ao mundo.

Nessa perspectiva, percebemos que cada pessoa que entra numa instituição cujo nome traz como raiz a universalidade, lança-se para desbravar o conhecimento, os outros e a si mesmo. Ou seja, cada pessoa que entra na Universidade, dispõe-se a explorar o novo. Como bem ressaltou Ferreira (2014, 2016), passada a euforia da entrada, o estudante se vê perdido nesse meio ambiente acadêmico, mas a partir do encontro com esse desconhecido universo, ele tem o poder de construir caminhos inéditos e transformadores.

E nesse percurso, o encontro de pessoas e seus saberes diversos dentro do meio ambiente universitário é uma possibilidade que sustenta e recria a noção de universalidade presente nessas instituições, bem como contribui para forjar a experiência da vida estudantil. Essa que, por sua vez, possui um ritmo dinâmico ao longo dos diversos momentos da vivência estudantil; direciona-se de forma mais focada ou adaptativa; assumindo um percurso mais extensivo ou paroquial; junto a relações paroquiais ou extensiva com pares e professores; e que na junção desses e outros fatores, vai construindo uma identidade a qual também é guia na jornada acadêmica.

Sendo assim, pensando no curso no qual focamos, o curso da formação inicial de pedagogos, compreendemos que ainda que este seja um curso o qual traz em sua própria natureza filosófica e educacional aspectos *intercientíficos*, as experiências possibilitadas pela socialização universitária estudantil entre diferentes cursos, estruturadas institucionalmente ou não, têm uma significativa e singular potência criativa!

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015. Tradução Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameiras, Yann Hamonic.

BARBALHO, Maria Goretti Cabral; CASTRO, Alda Maria Duarte /Araújo. Globalização e educação superior: discutindo tendências de internacionalização. In: CABRAL NETO, Antônio; REBELO, Maria da Piedade Pessoa Vaz (Org.). **O ensino superior no Brasil e em Portugal: perspectivas políticas e pedagógicas**. Natal: Edufrn - Editora da Ufrn, 2010. p. 47-72.

CABRAL NETO, A.; CASTRO, A. M. D. A. Educação Superior no Brasil: disputas e tensões no processo de expansão pós-LDB. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). **LDB 1996 vinte anos depois: projetos educacionais em disputa**. São Paulo: Cortez, 2018.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Interdisciplinaridade: um novo paradigma do conhecimento?. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 10, p.99-109, dez. 1994. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.132>.

COULON, Alan. **Etnometodologia e educação**. Tradução de: Guilherme João de Freitas Teixeira. Vozes, Petrópolis-RJ, 1995.

COULON, Alain. **Le métier d'étudiant: l'entrée dans la vie universitaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

FERREIRA, Adir L. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, jan./abr., 2014.

FERREIRA, Adir Luiz. Como a relação entre capital cultural e formação no ensino superior aparece para os universitários? In: DOMINGOS SOBRINHO, Moisés;

ENNAFAA, Ridha; CHALETA, Elisa (Org.). **La educación superior**,: el estudiantado y la cultura universitaria. València: Editorial Neopatria, 2016. p. 161-189.

FERREIRA, Adir Luiz. Higher Education in Brazil: mergers as a reality to private groups in parallel with the stagnation of public universities. In: CREMONINI, Leon; PAIVANDI, Saeed; JOSHI, K.m.. **Mergers in Higher Education: practices and policies**. New Delhi: Studera Press, 2019. p. 203-223.

FOUAD, Ahamed Tarek Zaky. SAILER, Kerstin. **The impact of spatial design on the learning process and student's socialisation**: a study of secondary schools within the UK. Proceedings of the 11.Space Syntax Symposium. Lisbon. 2017.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LYOTARD, Jean-françois. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDEIROS, Marília do Vale Góis Pacheco. A vida universitária e a socialização estudantil: relação entre estudantes de pedagogia e outros cursos da UFRN. 2020. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos. **Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014.

PAIVANDI, Saeed. **Apprendre à l'université**. Paris: De Boeck Supérieur, 2015.

SACRINI, Marcus. Da fenomenologia à etnometodologia Entrevista com Kenneth Liberman. **Scientiae Studia**, [s.l.], v. 7, n. 4, p.669-679, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662009000400009>.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgia Gonçalves dos. A teoria da afiliação: notas para pensar a adaptação de novos públicos ao ensino superior. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 10, n. 1, p.202-214, jan./abr. 2015.

SILVA, Rosália de Fátima e. Compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 26, n. 12, p.31-50, maio/ago. 2006.